

O QUE SE FAZ COM A PSICANÁLISE? MODOS DE CIRCULAÇÃO DE UM SABER EM DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

Emari ANDRADE

Universidade de Taubaté

Claudia Rosa RIOLFI

Universidade de São Paulo

Resumo

O presente artigo analisa os modos de circulação, inscrição e legitimação da psicanálise em dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, ao longo de seus 30 anos de funcionamento. Inscrito na Análise do Discurso de filiação pecheuxtiana, o estudo parte do pressuposto de que os saberes não circulam como conteúdos estáveis, mas produzem efeitos de sentido conforme as condições de sua mobilização no discurso acadêmico. O corpus foi constituído a partir de dissertações defendidas entre 2013 e 2018, selecionadas com base em critérios teórico-metodológicos e analisadas por meio de sequências discursivas extraídas de seus textos. A análise permitiu identificar cinco modos de inscrição da psicanálise (ausente, periférica, implícita, moderada e forte) definidos a partir de seu lugar no texto, de sua função na organização da análise e dos efeitos discursivos que produzem. Os resultados indicam que a psicanálise não ocupa um lugar estável no Programa, variando entre sua incidência como eixo estruturante e sua neutralização como operador teórico. Tal heterogeneidade mostra que o estatuto desse referencial não decorre de uma exigência do campo, mas se constitui no interior de escolhas teórico-metodológicas específicas. Por fim, discute-se a tendência recente de rarefação da psicanálise no *corpus*, apontando possibilidades de sua rearticulação em pesquisas futuras.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; Psicanálise; Discurso acadêmico; Produção de conhecimento; Linguística Aplicada.

WHAT IS DONE WITH PSYCHOANALYSIS? MODES OF CIRCULATION OF KNOWLEDGE IN MASTER'S THESES

Abstract

This article analyzes the modes of circulation, inscription, and legitimization of psychoanalysis in master's theses produced within the Graduate Program in Applied Linguistics at the University of Taubaté over its 30 years of operation. Grounded in

Discourse Analysis of pecheuxian orientation, the study assumes that bodies of knowledge do not circulate as stable contents but produce meaning effects according to the conditions of their mobilization in academic discourse. The corpus consists of theses defended between 2013 and 2018, selected on the basis of theoretical-methodological criteria and analyzed through discursive sequences extracted from their texts. The analysis identified five modes of inscription of psychoanalysis (absent, peripheral, implicit, moderate, and strong), defined by their place in the text, their role in the analysis's organization, and the discursive effects they produce. The results indicate that psychoanalysis does not occupy a stable position within the Program, ranging from its role as a structuring axis to its neutralization as a theoretical operator. Such heterogeneity shows that the status of this referential does not stem from an intrinsic requirement of the field but rather from specific theoretical-methodological choices. Finally, the article discusses the recent tendency toward the rarefaction of psychoanalysis in the corpus, pointing to possibilities for its rearticulation in future research.

Keywords: *Discourse Analysis; Psychoanalysis; Academic discourse; Knowledge production; Applied Linguistics.*

¿QUÉ SE HACE CON EL PSICOANÁLISIS? MODOS DE CIRCULACIÓN DE UN SABER EN DISERTACIONES DE MAESTRÍA?

Resumen

El presente artículo analiza los modos de circulación, inscripción y legitimación del psicoanálisis en disertaciones de maestría del Programa de Posgrado en Lingüística Aplicada de la Universidad de Taubaté, a lo largo de sus 30 años de funcionamiento. Inscrito en el Análisis del Discurso de filiación pecheuxiana, el estudio parte del supuesto de que los saberes no circulan como contenidos estables, sino que producen efectos de sentido según las condiciones de su movilización en el discurso académico. El corpus se constituyó a partir de disertaciones defendidas entre 2013 y 2018, seleccionadas con base en criterios teórico-metodológicos y analizadas mediante secuencias discursivas extraídas de sus textos. El análisis permitió identificar cinco modos de inscripción del psicoanálisis (ausente, periférica, implícita, moderada y fuerte), definidos a partir de su lugar en el texto, de su función en la organización del análisis y de los efectos discursivos que producen. Los resultados indican que el psicoanálisis no ocupa un lugar estable en el Programa, variando entre su incidencia como eje estructurante y su neutralización como operador teórico. Tal heterogeneidad muestra que el estatuto de este referente no se deriva de una exigencia del campo, sino que se constituye en el interior de elecciones teórico-metodológicas específicas. Por último, se discute la tendencia reciente de rarefacción del psicoanálisis en el corpus, señalando posibilidades para su rearticulación en investigaciones futuras.

Palabras-clave: Análisis del Discurso; Psicoanálisis; Discurso académico; Producción de conocimiento; Lingüística Aplicada.

INTRODUÇÃO: MODOS DE ENTRADA E FORMAS DE CIRCULAÇÃO DA PSICANÁLISE NO PROGRAMA

O presente trabalho toma como objeto o modo como um saber circula e se legitima (ou se dilui) em um campo disciplinar ao longo do tempo, a partir da análise de dissertações de mestrado produzidas no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté ao longo de seus 30 anos. Mais especificamente, interessa-nos observar as maneiras pelas quais a psicanálise — entendida, nos termos de Pêcheux e Fuchs (1997), como uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica que atravessa e articula as regiões do materialismo histórico, da linguística e da teoria do discurso — comparece em dissertações que, em algum nível, se inscrevem em interlocução com esse campo de saber.

Nesse quadro, é fundamental lembrar que a Análise do Discurso se estabelece justamente no entrecruzamento entre o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, sendo esse conjunto atravessado por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. Assim, a psicanálise não aparece como simples complemento, mas como o ponto que desloca a ideia de um sujeito plenamente consciente e dono de seu dizer, indicando que aquilo que o sujeito enuncia não tem nele sua origem transparente e intencional, mas é atravessado por determinações que o excedem.

Quando deslocada para outros espaços de circulação (como o das dissertações de mestrado em Linguística Aplicada), a psicanálise pode, no entanto, assumir diferentes modos de inscrição, nem sempre mantendo o mesmo grau de centralidade teórica ou de consistência conceitual. Parte-se, assim, da hipótese de que ela não comparece de modo homogêneo nesses trabalhos, mas sob diferentes regimes de legitimação, que vão desde sua constituição como eixo teórico estruturante até formas de uso mais difusas, metaforizadas ou mesmo residuais.

Diante disso, a investigação é orientada pela seguinte pergunta: sob que formas discursivas e com que lugar teórico a psicanálise comparece nas dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté ao longo de seus 30 anos? Busca-se analisar os modos de inscrição e funcionamento da psicanálise nessas dissertações, considerando os efeitos de sentido

produzidos sobre a posição que esse saber passa a ocupar no interior do campo da Linguística Aplicada.

Para tanto, o estudo organiza-se a partir dos seguintes objetivos específicos: (1) identificar as dissertações que mobilizam a psicanálise a partir de títulos, resumos e palavras-chave; (2) descrever os diferentes modos de mobilização desse referencial; (3) analisar os efeitos de sentido associados a essas formas de uso; e (4) observar deslocamentos ao longo do tempo na inscrição da psicanálise no Programa.

Discurso e circulação de saberes

Inscrito no campo da Análise do Discurso de filiação pecheuxiana, o presente trabalho toma como pressuposto que os sentidos são produzidos em condições históricas determinadas, sendo atravessados por relações que excedem a intenção dos sujeitos, não dados de antemão. É a partir desse enquadramento que se torna possível interrogar o modo como a psicanálise se inscreve no dizer acadêmico materializado em dissertações de mestrado, não como um conteúdo a ser identificado, mas como um saber cujo funcionamento produz efeitos de sentido específicos.

No interior da Análise do Discurso, os saberes não são tomados como conteúdos estáveis que circulam de forma transparente entre sujeitos, mas como formações que se inscrevem em práticas discursivas, produzindo efeitos de sentido determinados pelas condições de produção em que se atualizam. Nessa perspectiva, a circulação de um saber não se reduz à sua presença em determinados textos, mas implica considerar os modos pelos quais ele é mobilizado, transformado e reconfigurado em diferentes espaços de enunciação.

Tal enquadramento permite deslocar a análise das dissertações de mestrado de uma perspectiva descritiva — centrada na identificação de referências teóricas — para uma abordagem que interroga o funcionamento desses saberes no discurso acadêmico. Trata-se, assim, de compreender não apenas se a psicanálise está presente nesses trabalhos, mas o que se produz quando ela é mobilizada, isto é, os efeitos de sentido associados às formas de sua inscrição.

PSICANÁLISE E DISCURSO: TENSÕES, DESLOCAMENTOS E OPACIDADE

Uma via produtiva para compreender o lugar da psicanálise na Análise do Discurso consiste em retomar a leitura proposta por Leite (1993), para quem essa articulação não se dá como simples justaposição de campos, mas como incidência que afeta o próprio modo de conceber o funcionamento da linguagem. Ao reler textos de Pêcheux à luz da psicanálise, a autora evidencia que a introdução de noções como a de real — entendido como aquilo que escapa à simbolização — desloca a possibilidade de pensar o discurso como espaço de estabilização plena de sentidos. Nessa perspectiva, a psicanálise não comparece como um referencial temático, mas como aquilo que tensiona o próprio funcionamento teórico da Análise do Discurso, introduzindo a impossibilidade de fechamento do sentido e a não coincidência entre sujeito e dizer.

Esse deslocamento implica uma reformulação decisiva da noção de interpretação, uma vez que o sentido deixa de ser concebido como algo passível de recuperação integral e passa a ser pensado como efeito sempre atravessado pelo equívoco. Tal perspectiva permite compreender que a produção de sentidos se dá no interior de uma tensão entre repetição e deslocamento, na qual o já-dito se reinscreve sem jamais se repetir de forma idêntica. Como mostram trabalhos que exploram essa articulação, a consideração do real como instância que resiste à simbolização introduz um ponto de opacidade que impede a saturação do discurso, abrindo espaço para a emergência do novo e do singular no interior da própria repetição (Riolfi, 1999).

Tomada nesses termos, a presença da psicanálise em textos acadêmicos não pode ser reduzida à mobilização de um conjunto de conceitos, uma vez que ela implica uma determinada relação com o saber e com a própria produção de sentido. Se, na Análise do Discurso, a psicanálise introduz a não transparência do sujeito e a impossibilidade de totalização do sentido, sua inscrição em dissertações de mestrado tende a produzir efeitos distintos conforme o modo como essa incidência é assumida, deslocada ou neutralizada. É nesse ponto que se torna possível distinguir diferentes regimes de funcionamento desse saber, que vão desde sua mobilização como eixo teórico capaz de sustentar uma leitura da opacidade do discurso até formas de uso em

que tal opacidade é atenuada, convertendo a psicanálise em repertório conceitual ou em marca de legitimação teórica.

Considerando esse quadro, torna-se necessário explicitar o modo como este trabalho compreende o estatuto do saber no discurso acadêmico. Longe de funcionar como instância neutra de fundamentação, o saber, nesses textos, participa da construção de posições de enunciação, operando tanto como princípio de organização teórica quanto como recurso de legitimação discursiva.

Nesse sentido, diferentes modos de mobilização de um mesmo referencial podem produzir efeitos distintos, conforme sua relação com a construção do objeto, com a posição do sujeito que enuncia e com a organização argumentativa do texto. É a partir dessa perspectiva que se torna possível distinguir diferentes modos de inscrição da psicanálise nas dissertações analisadas, que serão descritos e discutidos na seção seguinte.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A constituição do *corpus* desta pesquisa não é compreendida como um procedimento meramente técnico de levantamento de dados, mas como um gesto analítico que participa da própria construção do objeto. Na perspectiva da Análise do Discurso de filiação pecheuxtiana, o *corpus* não preexiste à análise como um conjunto neutro de textos, mas é recortado em função das questões que orientam a investigação e das condições históricas e materiais de acesso aos dizeres (Pêcheux, 1997a; 1997b; Orlandi, 2001).

Iniciou-se por meio de uma busca no sistema Sophia Biblioteca Web, plataforma que reúne as produções bibliográficas institucionais da Universidade de Taubaté (UNITAU). Como recorte inicial, considerou-se o período compreendido entre 1995 e 2026, correspondente aos 30 anos de funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPG-LA). No ambiente da biblioteca virtual, a busca foi delimitada segundo dois critérios: (i) tipo de material, restringindo-se exclusivamente a

dissertações, e (ii) local de produção, selecionando-se apenas aquelas defendidas no âmbito do Programa.

Em uma primeira etapa, procedeu-se à busca pela palavra-chave “psicanálise”, o que resultou em três dissertações. Esse dado inicial evidenciou que a presença explícita do termo não era suficiente para dar conta da circulação desse referencial no conjunto da produção do Programa. Diante disso, redefiniu-se o procedimento metodológico, adotando-se como critério os nomes das orientadoras vinculadas a essas dissertações — Claudete Moreno Ghiraldelo, Elzira Yoko Uyeno (*in memoriam*) e Juliana Santana Cavallari — com o objetivo de ampliar o escopo da investigação e observar a recorrência da mobilização da psicanálise em outros trabalhos sob suas orientações.

Esse deslocamento permitiu a constituição de um conjunto de 50 dissertações, defendidas entre 2006 e 2018. Para fins de organização e tratamento inicial dos dados, elaborou-se uma planilha contendo as seguintes informações: título da dissertação, autor, orientador, ano de defesa, resumo integral e indicação de disponibilidade (acesso *on-line* ou acervo físico). Procedeu-se, então, à leitura sistemática dos resumos dessas dissertações.

A opção metodológica de trabalhar, em um primeiro momento, com os resumos não se reduz a uma etapa preliminar de levantamento, mas se fundamenta no estatuto discursivo desse material. O resumo, enquanto gênero acadêmico, constitui-se como um espaço de condensação e organização do dizer, no qual o sujeito pesquisador apresenta, de forma sintética, o objeto, o referencial teórico e os resultados de sua investigação, produzindo efeitos de legitimação no interior do campo científico (Motta-Roth; Hedges, 2010). Trata-se, portanto, de um lugar privilegiado para observar os modos de inscrição de um saber, uma vez que nele se explicita, ainda que de forma estabilizada, a filiação teórica assumida pelo texto.

A partir dessa leitura, procedeu-se à classificação das dissertações segundo a presença ou ausência da psicanálise, bem como segundo o modo de sua mobilização, distinguindo-se, inicialmente, entre usos centrais, articulados e ausentes. Esse

mapeamento permitiu uma primeira sistematização quantitativa da circulação do referencial no Programa, apresentada na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Mobilização da psicanálise nas dissertações por orientação

Orientação	Central	Articulada	Ausente	Total
Elzira Yoko Uyeno	11	9	6	26
Juliana Santana Cavallari	4	3	5	12
Claudete Moreno Ghiraldelo	1	3	8	12
Total	16	15	19	50

Fonte: Elaboração própria a partir dos resumos das dissertações selecionadas.

Em seguida, com o objetivo de identificar regularidades temáticas e modos recorrentes de mobilização da psicanálise, elaborou-se um quadro de síntese que articula eixos temáticos predominantes às formas de inscrição do referencial psicanalítico observadas no *corpus*.

Quadro A – Síntese temática das dissertações analisadas, segundo o modo de inscrição da psicanálise

Eixo temático predominante	Temas recorrentes	Modo de inscrição do referencial psicanalítico
Ensino e aprendizagem de línguas	Aprendizagem de línguas estrangeiras e materna; resistência, desejo e (in)sucesso na aprendizagem; relação língua materna/língua do outro.	Psicanálise mobilizada como referencial central ou articulado para compreender o sujeito do desejo, o conflito entre querer e desejar, a angústia e os processos inconscientes implicados na aprendizagem.
Escrita, leitura e escrita de si	Autobiografias, diários, relatórios, escrita escolar e acadêmica; leitura como constituição subjetiva.	Psicanálise utilizada principalmente como operador de subjetivação, sustentando a escrita como espaço de inscrição da falta, da suplência e de reposicionamentos subjetivos.
Formação de professores e prática docente	Identidade docente, indisciplina, angústia do professor, resistência/permanência na docência, iniciação à docência.	Mobilização frequente da psicanálise, sobretudo laciana, para análise de transferência, suposição de saber, responsabilização e crise do poder-saber docente.

Subjetividade, inclusão e exclusão	Inclusão escolar, EJA, deficiência, evasão escolar, marginalidade, avaliação e exames nacionais.	Psicanálise mobilizada de forma articulada à AD para compreender mecanismos de autoexclusão, desejo do Outro, culpa, angústia e efeitos de subjetivação.
Discursos midiáticos, políticos e ideológicos	Neoliberalismo, Escola Sem Partido, gênero, diversidade sexual, mídia, livro didático, biopolítica.	Predomínio da Análise do Discurso e de aportes foucaultianos; a psicanálise, quando presente, aparece de modo periférico ou não é mobilizada.

Fonte: Elaboração própria a partir da análise dos resumos das dissertações do Programa.

No entanto, considerando os objetivos desta pesquisa, voltados à análise do funcionamento discursivo da psicanálise nos textos, tornou-se necessário avançar para além do nível da autoapresentação e examinar o modo como esse saber opera na organização efetiva das dissertações. Por este motivo, definiu-se um segundo recorte para a constituição do *corpus* de análise, composto por trabalhos defendidos a partir de 2013.

Tal recorte não se justifica apenas por uma condição material de pesquisa (a disponibilização integral das dissertações em formato digital), mas por suas implicações analíticas. Ao privilegiar textos integralmente acessíveis, tornou-se possível deslocar a análise do nível do dizer sobre o trabalho (resumos) para o funcionamento do discurso ao longo da dissertação, considerando a articulação entre referencial teórico, construção do objeto e procedimentos analíticos. Desse modo, o recorte adotado define não apenas quais textos podem ser analisados, mas também o modo como essa análise se realiza.

O *corpus* final, apresentado a seguir, é composto por dez dissertações, organizadas segundo o ano de defesa e, em caso de mais de um trabalho no mesmo ano, pelo sobrenome do autor. A identificação dos textos por meio de numeração (Texto 1 a Texto 10) permite sua retomada na análise subsequente.

Quadro B - Constituição do *corpus*

Texto	Ano de defesa	Autor	Título completo da dissertação	Local de publicação
-------	---------------	-------	--------------------------------	---------------------

Texto 1	2013	Pereira, Eliane Cristina de Faria	Discursos sobre a oralidade padrão em Língua Portuguesa por alunos do Ensino Médio	https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/726/acervo/detalhe/170357
Texto 2	2013	Ramos, Fábio de Oliveira	Representações de escola por alunos evadidos e reinscritos em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA)	https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/726/acervo/detalhe/170226
Texto 3	2014	Mota, Marcileni Aparecida Alves dos Santos da	Primeiro contato com uma língua estrangeira: representações da língua inglesa e seus efeitos no processo de ensino/aprendizagem	https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/726/acervo/detalhe/189682
Texto 4	2014	Cezar, Jennifer Galvão	Formação de professores e psicanálise: efeitos da transferência no programa de iniciação à docência	https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/726/acervo/detalhe/213494
Texto 5	2015	Dutra, Joelma do Nascimento Pereira	Dizeres de professores acerca da docência: entre a desistência e a permanência	https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/726/acervo/detalhe/210111
Texto 6	2015	Morari, Evelise Raquel	Representações de língua portuguesa construídas pela imprensa: estudo da polêmica em torno do livro didático Por uma vida melhor	https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/726/acervo/detalhe/210112
Texto 7	2017	Bebiano, Wander Donizete	Quem chegar por último é a mulher do padre: relações de gênero no contexto de aprovação dos Planos de Educação de 2015	https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/726/acervo/detalhe/205634
Texto 8	2017	Oliveira, Leandro Ataíde Barbosa de	Aulas de re(d)ação no Ensino Médio: interação professor-aluno via WhatsApp	https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/726/acervo/detalhe/206479
Texto 9	2018	Azevedo, Cleber Santos de	Silenciamentos sobre diversidade sexual e de gênero em materiais midiáticos	https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/726/acervo/detalhe/210812
Texto 10	2018	Lira, Luciano Paz de	Os atravessamentos ideológicos do movimento Escola sem Partido	https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/726/acervo/detalhe/210813

Fonte: Elaboração própria.

A partir dessa primeira sistematização, procedeu-se a uma etapa de análise qualitativa do *corpus*, com base na seleção de sequências discursivas extraídas do corpo das dissertações. Essas sequências foram escolhidas em função de sua relevância para a compreensão dos modos de inscrição da psicanálise, privilegiando trechos nos quais se explicitam a formulação do objeto, a mobilização de conceitos teóricos e a construção do sujeito na análise.

A seleção das sequências não obedece a critérios de representatividade quantitativa, mas a seu potencial de evidenciar o funcionamento discursivo do saber em questão. Nesse sentido, as sequências discursivas são tomadas como material de análise que permite observar, de forma mais fina, os efeitos de sentido produzidos pela mobilização (ou ausência) da psicanálise, aprofundando e tensionando as categorias previamente estabelecidas.

Modos de inscrição da psicanálise no *corpus* analisado

A psicanálise não ocupa um lugar homogêneo nas dissertações, distribuindo-se de maneira desigual tanto em termos de presença quanto de função. Longe de configurar um eixo teórico estável no interior do Programa, sua mobilização oscila entre diferentes modos de inscrição, que vão desde sua atuação como operador estruturante da análise até sua ausência completa em determinados trabalhos. Essa variação não se organiza de forma linear ao longo do tempo, tampouco se deixa explicar pelo recorte temático das pesquisas, uma vez que objetos próximos podem mobilizar a psicanálise de maneira significativamente distinta. O que se coloca, assim, é que a presença desse saber não decorre de uma exigência do campo disciplinar, mas de escolhas teóricas específicas, que implicam diferentes modos de construção do objeto, de posicionamento do sujeito pesquisador e, conseqüentemente, de produção de efeitos de sentido no discurso acadêmico.

Diante dessa heterogeneidade, tornou-se necessário explicitar de forma sistemática como cada dissertação se inscreve nesse panorama. Para tornar visível essa diversidade de posições, organizamos o *Quadro C*, a seguir, que reúne o núcleo analítico da proposta. As categorias ali mobilizadas foram construídas a partir da leitura dos resumos e da organização teórico-metodológica das dissertações, tendo como referência a identificação dos textos apresentada no *Quadro B*.

A categoria “lugar da psicanálise” indica o grau e a forma de sua presença em cada trabalho — se central, periférica, implícita ou ausente. Já a “função no texto” diz respeito ao papel que esse referencial desempenha na economia interna da dissertação, isto é, se organiza a análise, se sustenta hipóteses, se opera como apoio conceitual ou

se comparece como elemento acessório. Por sua vez, o “efeito discursivo” não se confunde com essa função: trata-se das consequências que tal mobilização produz no modo de construção do objeto e na posição de enunciação do sujeito pesquisador, como, por exemplo, a produção de uma leitura da subjetividade, a legitimação do discurso por meio de marcas teóricas ou a diluição conceitual do referencial mobilizado.

A distinção entre função e efeito permite, assim, deslocar a análise de uma perspectiva descritiva — centrada no “uso” da psicanálise — para uma abordagem que interroga o que se produz, discursivamente, a partir desse uso.

Quadro C - Análise dos modos de inscrição da psicanálise

Texto	Lugar da psicanálise	Função no texto	Efeito discursivo
Texto 1	Implícita / AD	Hipótese explicativa: a noção de desejo inconsciente é mobilizada para interpretar a não incorporação da oralidade padrão às práticas de oralidade dos jovens.	Psicologização do não-uso da norma: o inconsciente aparece como explicação do comportamento linguístico, sem se constituir plenamente como operador analítico.
Texto 2	Moderada	Articulação entre AD e psicanálise: conceitos como desejo do Outro, sujeito desejante, subjetivação e autoexclusão sustentam a leitura dos depoimentos.	Produção de uma leitura do sujeito marcada pela falta, pelo desejo e pela relação com o Outro, ainda que por vezes em chave explicativa.
Texto 3	Moderada	Articulação entre AD, ideologia e inconsciente: a psicanálise aparece como componente do quadro teórico para pensar sujeito, representação e enunciação.	Sustentação de uma leitura das representações de língua inglesa como efeitos de condições históricas, sociais, ideológicas e subjetivas.
Texto 4	Forte	Estrutura a análise: a transferência é o conceito central para interpretar o laço entre supervisora e licenciandos e os efeitos das intervenções realizadas.	Produção consistente de uma leitura do laço sujeito-saber, na qual a psicanálise orienta a construção do objeto, do método e da interpretação.
Texto 5	Forte	Estrutura a análise: noções de subjetivação, assujeitamento, escrita de si e confissão organizam a leitura dos dizeres docentes.	Leitura consistente do sujeito docente, produzido entre posições discursivas distintas, especialmente entre o discurso da queixa e a permanência na docência.
Texto 6	Periférica	Predomínio de uma AD clássica: discurso, formações discursivas, formações ideológicas, sujeito, memória discursiva e linguagem organizam a análise.	Apagamento da psicanálise como operador: a análise privilegia representações, memória e ideologia, sem necessidade de mobilizar conceitos psicanalíticos.
Texto 7	Ausente	AD articulada a Foucault, Butler e estudos de gênero: a análise se organiza em torno de discurso, poder, gênero, sexualidade e formação discursiva/ideológica.	Politização do discurso sem psicanálise: o objeto é construído por meio da disputa de sentidos em torno de gênero, família, sexualidade e educação.

Texto 8	Periférica	Apoio à AD: a análise concentra-se na formação discursiva, na FD digital, na heterogeneidade e no manejo discursivo na interação via WhatsApp.	Deslocamento para a tecnologia/discurso: a psicanálise não organiza a análise, que privilegia os efeitos de sentido produzidos pelo dispositivo digital.
Texto 9	Ausente	AD + teoria queer (sem psicanálise). A análise é organizada por: poder/discurso (Foucault); gênero/performatividade (Butler); silenciamento (AD).	Politização do discurso / leitura crítica-ideológica. O texto produz uma denúncia da heterocisnormatividade, uma leitura do silenciamento e uma crítica social.
Texto 10	Ausente	AD pecheuxtiana clássica: ideologia, formação ideológica, formação discursiva, interdiscurso, pré-construído e memória discursiva estruturam a análise.	Leitura político-ideológica sem psicanálise: o objeto é analisado pelo funcionamento da interpelação, da dominação e da reprodução ideológica.

Fonte: Elaboração própria a partir da análise do *corpus*.

A leitura do *Quadro C* mostra que a heterogeneidade observada no *corpus* não se restringe à presença ou ausência da psicanálise, mas se manifesta nos diferentes modos de sua inscrição no interior das dissertações, articulando-se de maneira variável aos demais referenciais teóricos mobilizados. Em alguns casos, ela comparece como operador central, estruturando a análise e sustentando uma leitura da subjetividade, como se nota nos trabalhos em que a função teórica se articula diretamente à produção de efeitos discursivos consistentes. Em outros, sua presença se dá de modo mais difuso, operando como recurso explicativo ou como apoio à Análise do Discurso, sem que haja um tensionamento conceitual mais aprofundado, o que resulta em efeitos de estabilização ou generalização interpretativa. Há ainda situações em que a psicanálise aparece de forma implícita, acionada pontualmente por meio de noções como desejo ou inconsciente, sem se constituir como eixo organizador da análise, bem como trabalhos em que sua ausência indica a prevalência de outras tradições teóricas que passam a orientar integralmente a construção do objeto.

Tomadas em conjunto, as categorias de “lugar da psicanálise”, “função no texto” e “efeito discursivo” permitem observar que esse saber não ocupa uma posição estável no interior do Programa, variando significativamente quanto ao seu estatuto teórico e às consequências que produz na análise. Não se trata, portanto, de um movimento cumulativo ou de consolidação progressiva, mas de uma oscilação entre diferentes regimes de inscrição, nos quais a psicanálise pode funcionar como matriz conceitual estruturante, como recurso de sustentação interpretativa, como vocabulário difuso ou,

ainda, como elemento dispensável. Esse deslocamento indicia que o lugar da psicanálise não é dado *a priori*, mas se constitui no interior das escolhas teórico-metodológicas de cada pesquisa, produzindo efeitos distintos sobre a construção do objeto e sobre a posição de enunciação do sujeito pesquisador no discurso acadêmico.

Se o *Quadro C* permite tornar visível a heterogeneidade dos modos de inscrição da psicanálise no *corpus*, ele não esgota, contudo, a compreensão de seu funcionamento. As categorias ali sistematizadas indicam tendências e regularidades, mas é no exame da materialidade discursiva que se torna possível apreender, com mais precisão, como esse saber opera na construção do objeto, na formulação do sujeito e na produção de efeitos de sentido. A seção seguinte, dedicada à análise de sequências discursivas extraídas das dissertações, inscreve-se nesse movimento.

O FUNCIONAMENTO DA PSICANÁLISE NO DIZER ACADÊMICO

Para aprofundar a análise dos modos de inscrição da psicanálise sistematizados no *Quadro C*, procede-se, nesta seção, ao exame de sequências discursivas extraídas do corpo das dissertações. Em lugar de uma leitura extensiva de todos os textos do *corpus*, opta-se por selecionar, para cada modo de inscrição identificado, uma dissertação considerada prototípica, a partir da qual são analisadas múltiplas sequências.

Essa escolha não se orienta por critérios de representatividade quantitativa, mas pelo potencial dessas sequências de tornar visível o funcionamento discursivo do referencial em sua organização interna. Trata-se, assim, de analisar como a psicanálise opera na formulação do objeto, na mobilização teórica e na construção do sujeito, de modo a apreender, na materialidade do dizer, os efeitos de sentido associados a cada regime de inscrição.

Inicia-se a análise pelos casos nos quais a psicanálise está ausente, como ocorre no Texto 9.

SD 01: *A hipótese da pesquisa é a de que vozes que ecoam os discursos queer são silenciadas pelas discursividades heterocisnormativa [sic]. (do resumo).*

Aqui, o fenômeno investigado na pesquisa é formulado como conflito entre formações discursivas, no qual determinadas vozes, associadas aos discursos *queer*, são concebidas como objeto de silenciamento por parte de discursividades heterocisnormativas. A construção do objeto ancora-se, assim, em uma lógica de oposição entre posições discursivas, nas quais o sujeito aparece como efeito de inscrição em determinados regimes de dizer. Não se mobiliza, nesse gesto, uma concepção de sujeito atravessado pelo inconsciente ou pela divisão subjetiva, mas uma leitura em que o funcionamento do discurso é explicado prioritariamente por relações de poder e por mecanismos de regulação e exclusão.

Essa primeira formulação é retomada ao longo do trabalho por meio de diferentes enunciados que mantêm a centralidade das relações de poder na explicação do fenômeno. Nesse sentido, chama atenção o modo como certos termos que poderiam convocar uma leitura psicanalítica (como o de desejo) são mobilizados sem que se configurem como operadores teóricos. É o que se lê na SD 02, a seguir:

SD 02: A fratura se observa por meio de conquistas das mulheres (que definitivamente não são minorias, mas que ainda seguem subjugadas ao desejo masculino) e das populações queer em tentativa de equalizar/reparar danos históricos que permanecem na raiz de muitos problemas que derivam do machismo e outras formas de expressão de ódio direcionadas à diversidade sexual e de gênero (pp. 34-35).

Na SD 02, o termo “desejo” comparece associado à expressão “desejo masculino”, sendo mobilizado no interior de uma leitura que articula desigualdade de gênero, dominação e subjugação. No entanto, esse uso não implica a mobilização do conceito de desejo tal como formulado pela psicanálise, isto é, como instância estruturante do sujeito e marcada pela falta (Lacan, 1985, 1998), mas funciona como sinônimo de vontade ou de imposição de um grupo sobre outro. Trata-se, assim, de um emprego que se inscreve no registro das relações sociais e das assimetrias de poder, sem que se convoque a dimensão inconsciente ou a divisão subjetiva.

Mesmo quando termos potencialmente vinculados ao campo psicanalítico aparecem no texto, eles não operam como conceitos, mas como elementos de um vocabulário que sustenta uma leitura político-ideológica do fenômeno. Nesse sentido, o que poderia abrir espaço para uma análise do desejo enquanto dimensão constitutiva

do sujeito é reabsorvido por uma lógica explicativa centrada na dominação e na resistência, o que reforça a caracterização desse trabalho como um caso de ausência da psicanálise, não por falta de tematização, mas por não incidência teórica.

A análise das SDs 01 e 02 mostra que a ausência da psicanálise no Texto 9 não se reduz à não menção explícita de seus autores ou conceitos, mas se manifesta no próprio modo de construção do objeto e de explicação do fenômeno, inteiramente orientado por uma lógica político-discursiva. Trata-se, portanto, de um caso em que a psicanálise não é simplesmente omitida, mas substituída por outra matriz de inteligibilidade, na qual o sujeito é concebido prioritariamente como efeito de relações de poder e de regimes discursivos.

Se, no caso anterior, observou-se uma ausência da psicanálise associada à adoção de uma matriz teórica alternativa, nos trabalhos classificados como de inscrição periférica verifica-se um movimento distinto. Neles, a psicanálise comparece de forma explícita, sendo mobilizada na definição do quadro teórico, mas sem se constituir como operador analítico no desenvolvimento da investigação. A análise se organiza predominantemente a partir das categorias da Análise do Discurso, enquanto a psicanálise permanece como referência conceitual de apoio. É nesse sentido que se inscreve o Texto 6, no qual a incidência da psicanálise se dá de forma limitada ao plano da fundamentação, sem orientar efetivamente a leitura do objeto.

Esse movimento pode ser encontrado já no modo como o texto delimita seu quadro teórico, estabelecendo as referências que irão orientar a análise:

SD 03 Porém, a noção de sujeito para Foucault muda ao longo de sua obra, mas não nos deteremos a isso, pois utilizamos, em nossa análise, a noção de “sujeito”, proposto [sic] por Pêcheux. Já para Lacan (1957-58/1999), a partir dos estudos freudianos, o sujeito só pode ser concebido na linguagem. (p. 19)

Existe, na SD 03, um gesto explícito de delimitação teórica, no qual a autora indica que sua análise se orientará pela noção de sujeito proposta por Pêcheux, ao mesmo tempo em que menciona, de forma pontual, a concepção lacaniana de sujeito como efeito da linguagem. Essa referência à psicanálise, no entanto, não se desenvolve

nem se desdobra em uma problematização mais ampla, sendo mobilizada de forma breve e subordinada à escolha do quadro teórico principal.

Desse modo, a psicanálise comparece como referência secundária, evocada para compor o horizonte conceitual do texto, mas sem incidir sobre a definição do objeto ou sobre a condução da análise. O gesto de “não se deter” na discussão sobre Foucault e de apenas mencionar Lacan indica que a centralidade analítica recai sobre a Análise do Discurso, ao passo que a psicanálise permanece como um saber tangencial, que não chega a se constituir como operador teórico.

SD 04 O sujeito aqui tratado é atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, fazendo com que ele não seja uno, mas sim um sujeito que não se constitui como fonte do seu dizer. A ilusão do sujeito ser fonte do seu dizer é um efeito da ideologia, que funciona por meio das relações de forças de uma sociedade. Desse modo, a AD entende o sujeito como um indivíduo interpelado pela ideologia, afetado pela memória, inserido em uma formação discursiva que delimita o seu discurso e que é também constituído pelo inconsciente. (p. 18)

Na SD 04, verifica-se que a noção de inconsciente é explicitamente incorporada à definição do sujeito, que é caracterizado como não uno, atravessado pela ideologia e constituído no interior de formações discursivas. No entanto, essa incorporação se dá por meio de uma enumeração de atributos, na qual o inconsciente figura ao lado de outras determinações, como a ideologia e a memória, compondo uma definição estabilizada do sujeito. Nesse gesto, o inconsciente não comparece como instância que desorganiza o dizer ou introduz uma dimensão de opacidade na análise, mas como elemento que se soma a um conjunto de características atribuídas ao sujeito.

Desse modo, a referência à psicanálise é integrada ao quadro teórico sem produzir um deslocamento efetivo no funcionamento da análise, que permanece estruturada pelas categorias da Análise do Discurso. O sujeito é definido como efeito de interpelação ideológica e de inserção em formações discursivas, e não como sujeito do desejo ou da divisão, o que evidencia que a psicanálise, embora presente, não se constitui como operador analítico no desenvolvimento do trabalho. Esse estatuto secundário da psicanálise torna-se ainda mais palpável quando se analisa o modo como a análise é efetivamente conduzida:

SD 05: Em geral, esses exercícios e esse tipo de proposta de redação não levam em conta as características da escrita dos alunos, nem o estilo de escrita de cada um. O que esse tipo de exercício faz é submeter o aluno a uma série de repetições seguindo instruções de uso. (p. 65).

Aqui, percebe-se um deslocamento importante em relação ao quadro teórico inicialmente convocado. A leitura passa a se organizar a partir de categorias de natureza pedagógica: “exercícios”, “proposta de redação”, “estilo de escrita”, “aluno”. Elas passam a funcionar como operadores de interpretação. O sujeito, antes concebido como efeito de interpelação e atravessado pelo inconsciente, deixa de atuar como categoria analítica e é reinscrito como “aluno”, isto é, como figura empírica situada no campo didático.

Nesse movimento, a explicação do funcionamento discursivo é substituída por uma oposição entre práticas de ensino e características individuais da escrita. Noções como formação discursiva, memória, heterogeneidade constitutiva ou categorias de filiação psicanalítica deixam de ser mobilizadas. A análise se orienta, assim, por uma lógica de avaliação das práticas pedagógicas, deslocando o foco do processo de significação para o julgamento da adequação das propostas didáticas.

Desse modo, nota-se que, embora a psicanálise componha o plano da fundamentação teórica, ela não intervém na condução da análise. O texto passa a se organizar segundo uma lógica explicativa que desloca o foco do funcionamento discursivo para a avaliação das práticas pedagógicas. Trata-se, portanto, de um caso em que o referencial teórico é mantido apenas como marca de filiação, sem produzir efeitos no gesto analítico que orienta a leitura do objeto. Essa escolha reforça a posição periférica da psicanálise no conjunto do trabalho.

Se, nos casos anteriores, a psicanálise se apresentou como ausente ou periférica, observa-se, nos trabalhos classificados como de inscrição implícita, um movimento distinto. Neles, o referencial psicanalítico não é explicitamente mobilizado no plano da fundamentação teórica, mas comparece no modo de construção do objeto e na formulação das hipóteses. É nesse sentido que se inscreve o Texto 1.

SD 06: Neste primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica a que buscamos suporte, a Análise do Discurso de linha francesa (daqui para frente AD), para a realização da pesquisa

aqui exposta sobre os discursos da modalidade oral da língua portuguesa, construídas [sic] por estudantes do Ensino Médio de uma escola pública. (p.21).

A autora da SD 06 delimita explicitamente o quadro teórico da pesquisa, indicando a Análise do Discurso de linha francesa como principal referência para a condução do trabalho. Não há, nesse momento, menção à psicanálise ou a conceitos a ela associados, o que sugere, em um primeiro nível de leitura, sua ausência do horizonte teórico mobilizado. Trata-se de um gesto de filiação que inscreve o trabalho no campo da AD, sem explicitar a articulação com outros referenciais que, historicamente, participam de sua constituição. No entanto, essa ausência no plano da fundamentação não se mantém quando se observa o modo como a autora formula a hipótese explicativa do fenômeno investigado, como se vê na SD 07:

SD 07: Levantamos a hipótese de que o motivo que leva os jovens, de modo geral, a não incorporarem a língua oral padrão às suas práticas de oralidade se deve ao desejo, ainda que inconsciente, de permanecer inseridos no grupo etário e social dos quais fazem parte (resumo).

A explicação do fenômeno (o não uso da oralidade padrão) é atribuída a um “desejo, ainda que inconsciente”, que orientaria o comportamento dos sujeitos. Essa formulação introduz uma dimensão opaca na relação entre saber e fazer, pois desloca a interpretação do campo do desconhecimento ou da incapacidade para uma motivação que escapa ao controle consciente dos alunos.

Embora a autora não convoque explicitamente o referencial psicanalítico no plano teórico, a hipótese construída aproxima-se de uma concepção de sujeito atravessado por determinações não conscientes, nas quais o desejo atua como operador do dizer. Nesse sentido, a análise se organiza segundo uma lógica compatível com o campo psicanalítico, ainda que essa filiação não seja nomeada.

A psicanálise comparece de modo implícito: não como quadro teórico declarado, mas como princípio que orienta a interpretação do fenômeno. Trata-se de uma forma de inscrição em que o referencial atua no nível da análise, sem ser tematizado como tal. Cabe notar, ainda, uma oscilação na construção do objeto, indicada pela instabilidade

na concordância na SD 06, que faz com que o termo “discursos” não se sustente plenamente como núcleo da formulação, sugerindo a coexistência de outras designações implícitas.

Assim, tomadas em conjunto, as sequências indiciam que, no Texto 1, a psicanálise não é assumida como fundamento teórico, mas intervém na formulação da hipótese e no modo de compreender o fenômeno investigado. Configura-se, portanto, uma inscrição indireta, na qual o sujeito é concebido como não plenamente senhor de seu dizer, ainda que essa concepção não seja explicitada no plano teórico.

Se, nos trabalhos classificados como de inscrição implícita, a psicanálise comparece no nível da análise, sem ser explicitamente assumida como referencial teórico, nos casos de inscrição moderada observa-se um movimento distinto. Neles, a psicanálise é mobilizada de forma explícita no plano da fundamentação, sendo nomeada e articulada a outros referenciais, mas sem se constituir como eixo estruturante da análise. Trata-se, portanto, de uma forma de inscrição intermediária, na qual o referencial comparece como recurso conceitual, sem produzir um deslocamento decisivo no funcionamento analítico.

Essa mobilização explícita da psicanálise pode ser observada já no modo como o texto apresenta seu quadro teórico, como se vê na SD 08 (referente ao Texto 02), a seguir:

SD 08: Neste capítulo revisamos alguns conceitos que atravessam a AD (a somar à “tríplice aliança”: linguagem, ideologia e psicanálise), e procuramos, especialmente, aprofundar o conceito de sujeito do desejo, em sua constituição como aquilo que está “entre o querer consciente e o desejar inconsciente”, numa relação que busca resolver o enigma entre o “Eu-ideal” e o “Sujeito” do inconsciente. (p.33).

É possível verificar a mobilização explícita da psicanálise como um dos referenciais que compõem o quadro teórico da pesquisa, sendo articulada à linguagem e à ideologia no interior daquilo que é designado como a “tríplice aliança” da Análise do Discurso. Além disso, o texto indica a intenção de aprofundar o conceito de “sujeito do desejo”, mobilizando noções como inconsciente, desejo e Eu-ideal, que remetem diretamente ao campo psicanalítico.

Diferentemente do que se observa nos casos de inscrição implícita, em que a psicanálise opera sem ser nomeada, aqui ela comparece de forma assumida no plano da fundamentação teórica. No entanto, essa mobilização ainda se apresenta como articulação conceitual, sem que se note, nesse momento, sua incidência sobre a condução da análise. A psicanálise integra o horizonte teórico do trabalho, mas não se configura, a priori, como eixo organizador do gesto analítico, o que caracteriza sua inscrição como moderada. Esse estatuto da psicanálise torna-se mais claro quando se observa o modo como a análise é conduzida:

SD 09: Embora a pergunta se referisse ao início da vida escolar da enunciativa, foi oferecida, como resposta, a ruptura e o deslocamento ao tema da morte de seu pai, como justificativa desse 'apagamento'. Assim, sua autobiografia é silenciada e cambiada, pela biografia interposta do outro, a perda/morte de seu pai. Parece haver nexos, assim, entre o sentido indesejável da enunciativa sobre suas memórias de escola (os motivos podem ser inúmeros) e o contexto traumático da perda do pai. O fato é que, após falar da morte do pai, A1 segue a envolver e opacificar sua relação com a educação, fugindo sobre o que lhe fora perguntado. (pp. 91-92).

A análise mobiliza elementos que poderiam ser articulados ao campo psicanalítico, como a noção de trauma, o deslocamento temático e a opacidade do dizer. A referência à “ruptura”, ao “apagamento” e à dificuldade da enunciativa em responder diretamente à pergunta introduz uma dimensão de não-transparência na relação do sujeito com seu dizer, sugerindo a incidência de fatores que excedem a ordem do consciente.

No entanto, essa aproximação não se desdobra em uma leitura sistemática a partir das categorias da psicanálise. A interpretação permanece no registro da descrição do fenômeno (deslocamento, silenciamento, relação com um evento traumático) sem que tais elementos sejam mobilizados como operadores conceituais capazes de reorganizar a análise. Assim, embora o texto convoque uma problemática compatível com o campo psicanalítico, ele não a formaliza teoricamente, mantendo a leitura ancorada em categorias mais gerais da AD.

Desse modo, a psicanálise comparece como recurso interpretativo possível, mas não como eixo estruturante do gesto analítico, o que reforça sua caracterização como uma forma de inscrição moderada.

Se, nos casos anteriores, a psicanálise se apresentou como ausente, periférica, implícita ou mobilizada de forma não estruturante, observa-se, neste último conjunto, um movimento distinto. Neles, a psicanálise não apenas é explicitamente nomeada, mas passa a organizar o próprio problema de pesquisa, orientando a formulação da hipótese e a leitura do fenômeno. Trata-se, portanto, de uma forma de inscrição forte, na qual o referencial psicanalítico se constitui como eixo estruturante do gesto analítico. Esse funcionamento pode ser observado já no modo como o problema e a hipótese de pesquisa são formulados no resumo da dissertação:

SD 10: Inicialmente, após meses de atuação no Programa, a Coordenadora da Área de Letras observou que a maioria dos alunos de licenciatura, que permanecia engajado [sic] nas atividades, estava sob a minha supervisão na unidade escolar. Os demais manifestavam uma irresponsabilização frente às atividades do Programa. Dessa forma, num primeiro momento, procuramos investigar o que é que pudesse ter ocorrido na relação entre a supervisora – autora desta dissertação – e os alunos de licenciatura para haver essa diferenciação. A hipótese era a de que pudesse ter acontecido o fenômeno da transferência entre mim e os bolsistas, desencadeando, assim, o engajamento desses sujeitos (resumo).

Na SD 10, a explicação do fenômeno investigado (o engajamento diferencial dos alunos) é diretamente atribuída ao conceito de transferência, noção central da psicanálise. Diferentemente dos casos analisados anteriormente, em que o referencial psicanalítico comparecia de forma implícita ou como recurso conceitual secundário, aqui ele se constitui como hipótese explicativa que orienta a investigação desde o início.

A transferência não é mobilizada como metáfora ou vocabulário geral, mas como operador teórico capaz de organizar a leitura da relação entre sujeitos no contexto educativo. Desse modo, o fenômeno não é explicado apenas por fatores institucionais, pedagógicos ou discursivos, mas por uma dinâmica relacional que implica a suposição de saber e o investimento subjetivo dos participantes.

Nesse sentido, a psicanálise incide diretamente sobre a construção do objeto e sobre a interpretação dos dados, configurando-se como eixo estruturante do trabalho. Trata-se, portanto, de um caso em que o referencial não apenas comparece, mas organiza o gesto analítico, definindo os termos em que o fenômeno é compreendido.

A PSICANÁLISE NO PROGRAMA: BALANÇO E PERSPECTIVAS DE REARTICULAÇÃO

A análise realizada ao longo deste trabalho permite sustentar que a presença da psicanálise nas dissertações do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté não se organiza de forma homogênea nem cumulativa, mas segundo diferentes modos de inscrição que produzem efeitos distintos sobre a construção do objeto, a posição do sujeito pesquisador e o funcionamento do discurso acadêmico. Mais do que um referencial estável, a psicanálise se apresenta como um saber cuja circulação é marcada por deslocamentos, reconfigurações e, em certos casos, por sua própria neutralização.

Os resultados indicam que esse referencial pode operar desde como eixo estruturante da análise — quando organiza a formulação do problema, da hipótese e da interpretação — até formas em que sua presença se dilui, seja como repertório conceitual, seja como vocabulário difuso ou mesmo como elemento dispensável. Essa variação evidencia que o lugar da psicanálise não decorre de uma exigência intrínseca ao campo da Linguística Aplicada, mas se constitui no interior de escolhas teórico-metodológicas específicas, que implicam diferentes modos de relação com o saber e com a própria produção de sentido.

Ao considerar a distribuição desses modos de inscrição ao longo do *corpus*, chama atenção o fato de que a presença mais consistente da psicanálise se concentra em determinados momentos da produção do Programa, ao passo que, nos trabalhos mais recentes, observa-se uma tendência de rarefação ou de deslocamento para outros referenciais teóricos. Esse movimento não deve ser interpretado como simples abandono, mas como efeito das transformações do próprio campo, no qual diferentes matrizes teóricas passam a disputar a construção dos objetos e das formas de inteligibilidade.

É nesse ponto que os resultados desta pesquisa se articulam às discussões sobre o futuro do Programa. Se, por um lado, a análise indica uma diminuição da centralidade da psicanálise em trabalhos mais recentes, por outro, revela também o potencial heurístico desse referencial para a compreensão de fenômenos ligados à

subjetividade, à linguagem e à formação de sujeitos em contextos educativos. Nesse sentido, mais do que um retorno a modelos anteriores, o que se coloca como possibilidade é a rearticulação da psicanálise a novos objetos, novos dispositivos e novas problemáticas, em diálogo com as transformações contemporâneas do campo. Esse movimento não implica apenas uma substituição de referenciais, mas uma reconfiguração do próprio modo de conceber o sujeito no interior do campo.

Assim, pensar o futuro da pesquisa no âmbito do Programa implica considerar não apenas a manutenção ou substituição de referenciais teóricos, mas as condições de produção que tornam possível sua mobilização como operadores analíticos efetivos. A psicanálise, nesse contexto, permanece como um saber cuja incidência não está garantida, mas que pode, ao ser retomado de forma teoricamente consistente, contribuir para a produção de leituras que recolocam em cena a opacidade do sujeito e a não transparência do dizer — dimensões fundamentais para a Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEITE, Nina. **Psicanálise e análise do discurso o acontecimento na estrutura**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela R. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b. p. 163-252.

RIOLFI, Claudia Rosa. **O discurso que sustenta a prática pedagógica: formação de professor de língua materna.** 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

Emari ANDRADE

Professora da Universidade de Taubaté, vinculada ao Instituto Básico de Humanidades, onde atua na graduação e no Programa de Mestrado em Linguística Aplicada. Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo, tem mestrado e doutorado em Educação pela FEUSP. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP e do Grupo de Estudos Decoloniais (Unitau). E-mail: emari.andrade@unitau.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9146-6372>

Claudia Rosa RIOLFI

Professora livre-docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada (EDM). Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), fez pós-doutorado pela Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis. Atua no Programa de Pós-graduação em Educação da FE/USP, orientando mestrados e doutorados. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise (GEPPEP). E-mail: riolfi@usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2698-4207>

REVISOR DE LINGUAGEM

Emari Andrade e-mail: emari.andrade@unitau.br